

vista intelectual, para suplantar e avantajarse uma à outra...”, 43

Com efeito, foi tamanha a agitação operada em nossas letras pelas duas agremiações, que Valentim Magalhães, figura exponencial do jornalismo literário de então, escreveu, na *Notícia*, do Rio de Janeiro, na secção “Semana Literária”: “O Ceará não pára, o Ceará não cansa. Rara é a semana que eu não tenha algo a dizer de um livro ou de um escritor.”

E quem lucrou afinal com a contenda foi a cultura cearense.

A ACADEMIA CEARENSE

Cabe aqui falar de uma instituição à qual nos temos referido algumas vezes, ao longo deste trabalho. Trata-se da Academia Cearense, fundada no dia 15 de agosto de 1894, anos antes da própria Academia Brasileira de Letras, portanto.

Não eram exclusivamente literários os objetivos dessa entidade, pois abrangiam, além das letras propriamente ditas, o campo das ciências, da educação, ou da arte, de modo geral. É todavia obrigatória sua inclusão em qualquer trabalho que vise a um levantamento da literatura em nosso Estado, tanto pelo número de escritores que arregimentou, como pelo fato de originar, mais tarde, a Academia Cearense de Letras, esta, sim, como indica a própria designação, uma entidade puramente literária.

Foram fundadores da Academia Cearense:

GUILHERME STUDART (1856-1938) — Notável historiador, de quem falamos ao tratar do Centro literário, páginas atrás.

JUSTINIANO José DE SERPA (1856 — 1923) — Vimo-lo como um dos Poetas da Abolição e entre os componentes do Centro Literário.

Raimundo de FARIAS BRITO (1862 — 1917) — Considerado o maior filósofo brasileiro, também pertenceu ao Centro Literário, como vimos.

Antônio Luís DRUMOND DA COSTA (? — ?) — Bacharel em Direito pela Academia do Recife, foi Juiz no Ceará, onde também exerceu as funções de professor; militou no jornalismo, com grande destaque. Faleceu no Amazonas.

JOSÉ Domingues FONTENELE (1869 — 1905) — Piauiense, foi no Ceará juiz e professor, salientando-se na oratória. Deixou obras jurídicas e discursos.

ALVARO Gurgel DE ALENCAR (1861 — 1945) — Promotor e juiz no interior cearense, foi também professor da Faculdade de Direito e Desembargador. Entre outras obras, deixou o *Dicionário Geográfico, Histórico e Descritivo do Estado do Ceará* (1903), além de trabalhos jurídicos.

BENEDITO Façanha SIDOU (1864 — 1926) — Engenheiro, foi professor de Matemática e de Geografia em Manaus. Faleceu em Fortaleza.

Marcos FRANCO RABELO (1861-1929) — Professor da Escola Militar, foi eleito Presidente do Estado, após a deposição do Comendador Acióli; governou de 1912 a 14 quando, apesar do apoio popular, entregou o poder, forçado pela sedição do Juazeiro. Escreveu trabalhos sobre política.

ANTÔNIO AUGUSTO DE VASCONCELOS (1852 — 1930) — Juiz e promotor no Ceará, fundou um gabinete de leitura, uma escola e um jornal (*o Granjense*), na cidade de Granja. Deixou obras sobre Geografia, História e Política.

PEDRO Tomás DE QUEIRÓS (1854 — 1918) — Foi juiz e desembargador. Sua bibliografia abrange a Sociologia, a Política, a História e a Literatura, além de estudos jurídicos. Reuniu seus ensaios em 4 volumes, que intitulou *Fragmentos* (1913, 14, 15 e 16). Foi um dos mais aplaudidos críticos literários de sua época.

Francisco ALVES LIMA (1869 — 1958) — Pertenceu ao Centro Literário, onde o vimos, através de ligeiro esboço bibliográfico.

VALDEMIRO CAVALCANTE (1869 — 1914) — Vimo-lo entre os componentes da Padaria Espiritual.

TOMAS POMPEU de Sousa Brasil Filho (1852 — 1929) — Figura entre os membros da Academia Francesa do Ceará.

RAIMUNDO Leopoldo Coelho **DE ARRUDA** (1863 — 1934) — Farmacêutico, foi porém professor de Geografia, Português e Literatura no Liceu do Ceará.

ALVARO Teixeira de Sousa **MENDES** (1863 — 1940) — Piauiense, foi promotor de justiça e Chefe de Polícia no Ceará, ao tempo do Governo Franco Rabelo.

JOSÉ CARLOS da Costa Ribeiro **JÚNIOR** (1860 — 1896) — Fez parte da Padaria Espiritual, ocupando o lugar de Pai-deiro-Mor, como vimos.

VIRGÍLIO Augusto **DE MORAIS** (1845 — 1914) — Promotor de justiça, Procurador da Fazenda e Diretor da Instrução Pública; deixou obras jurídicas.

JOSÉ DE BARCELOS da Silva Sobrinho (1843 — 1919) — Educador e estudioso da língua e literatura da Grécia; escreveu sobre Educação, Geografia, Gramática e Literatura.

ANTÔNIO BEZERRA de Menezes (1841 — 1921) — Um dos Poetas da Abolição, foi também membro da Padaria Espiritual e do Centro Literário.

EDUARDO Guilherme Osvaldo **STUDART** (1863 — 1955) — Irmão do Barão de Studart; exerceu diversos cargos na magistratura do Ceará, Maranhão e Piauí. Destacou-se no jornalismo, escrevendo sobre política ou sobre literatura.

ADOLFO Frederico **LUNA FREIRE** (1864 — 1953) — Pernambucano, foi médico e professor da Escola Militar. transferindo-se para o Rio, sobressaiu a ponto de ser condecorado no exterior, na I Guerra Mundial.

EDUARDO da Rocha **SALGADO** (1864 — 1934) — Também médico, foi Inspetor da Higiene e professor de Medicina Pública na Faculdade de Direito do Ceará, da qual foi Diretor. Suas obras versam temas de Medicina.

Joaquim Lopes de **ALCÂNTARA BILHAR** (1848 — 1905) — Promotor de justiça e juiz em várias cidades cearenses, sen-

do ainda professor da Faculdade de Direito, militou no jornalismo, mas suas obras tratam de assuntos jurídicos.

ANTONINO da Cunha FONTENELE (1863 — 1937) — Militou na advocacia, exercendo ainda vários cargos judiciais. Todos os seus trabalhos giram em torno de temas jurídicos.

ANTÔNIO TEODORICO DA COSTA Filho (1861 — 1939) — Engenheiro, foi ainda professor de Geografia e Corografia do Brasil, no Liceu do Ceará. Dedicou-se às ciências publicando vários estudos sobre Geografia, Astronomia, etc.

Padre Francisco **VALDIVINO NOGUEIRA** (1866 — 1921) — Foi professor do Seminário de Fortaleza e Vigário de Cascavel. Distinguiu-se como orador sacro e poeta. Era tio do escritor José Valdivino.

HENRIQUE THÉBERGE (1838 — 1905) — Pernambucano, veio cedo para o Ceará, onde ingressou na carreira militar, para se destacar como engenheiro. Escreveu sobre História e Botânica, além de impressões de viagem. Seu pai, de origem francesa, havia sido um dos mais notáveis historiadores do Ceará.

Com a morte de José Carlos Júnior, entrou para a Academia Cearense o poeta **RODRIGUES DE CARVALHO**, ao qual nos referimos, quando tratamos dos componentes do Centro Literário.

A partir de 1896 começou a circular o órgão oficial da entidade, a *Revista da Academia Cearense*, que iria sobreviver até 1914. Nos 19 tomos desse periódico foram publicados inúmeros artigos sobre os mais diferentes temas: Biografia, História, Medicina, Geografia, Literatura, Folclore, Botânica, Filosofia, Direito, Filologia, Política, etc. Abrangia assim quase todo o vasto campo dos conhecimentos humanos. Foi aliás nas páginas dessa revista que surgiram, pela primeira, os verbetes do *Dicionário Biobibliográfico Cearense*, e as *Datas e Fatos Para a História do Ceará*, do Barão de Studart, bem como os *Fragmentos*, ensaios críticos de Pedro de Queirós.

Tudo isso vem confirmar o que dissemos há pouco: não eram exclusivamente literários os objetivos da Academia Cearense, que por sinal pretendia editar uma obra, *O Ceará em 1896*, que seria uma espécie de enciclopédia regional, ficando cada tema a cargo de um especialista na matéria. Tal empreendimento, porém, infelizmente não foi levado avante.

Foram presidentes da Academia Cearense: Guilherme Studart, seu verdadeiro idealizador (provisoriamente), Tomás Pompeu e Pedro de Queirós.

A partir de 1902 — como observa Dolor Barreira — vão rareando as sessões da entidade, terminando por cessar totalmente.

Quanto à revista, como já foi dito, circulou até 1914. A partir de então, podemos dizer que praticamente morreu a Academia Cearense. Entretanto, convém avançarmos no tempo, uma vez que não está definitivamente encerrada a história dessa agremiação. Assumindo um caráter eminentemente literário, e sob outra denominação, vai aparecer, em 1922, uma entidade que é a continuação da Academia Cearense.

A ACADEMIA CEARENSE DE LETRAS

(Segunda Fase da Academia Cearense)

No governo Justiniano de Serpa, teve lugar a reorganização da Academia: dos 28 antigos componentes, somente 8 estavam em Fortaleza. E, por iniciativa de Leonardo Mota, foi elevado o número de sócios para 40, como na Academia Francesa (e na Academia Brasileira de Letras), tendo cada cadeira um Patrono. A exemplo das outras entidades congêneres do País, denominou-se Academia Cearense de Letras, sendo esta sua composição:

1) *Guilherme Studart*. 2) *Justiniano de Serpa*. 3) *Tomás Pompeu*. 4) *Antônio Augusto de Vasconcelos*. 5) Pe. João A. da Frota. 6) Antônio Sales. 7) Pápi Júnior. 8) Alf. Castro. 9) Rodolfo Teófilo. 10) Tomás Pompeu Sobrinho. 11) Adonias